

# LUIZ RUFFATO

## VESTÍGIOS DE VIAGEM, EM VOZ ALTA

**Brasília** – Morena-jambo, 45 anos, linda, atraente, do tipo romântica, procura pessoas alegres e divertidas para curtir a vida.

Se existir um ponto de interseção entre os ricos e os pobres de Brasília deve ser este: todos invadem terrenos públicos. Os ricos ocupam, com suas mansões e casas arquitetadas, as áreas nobres em torno do Paranoá. Os pobres, com suas mansardas e barracos desenhados pela necessidade, a periferia das cidades-satélites, transbordando já para além dos limites do Distrito Federal.

É possível os moradores do Plano Piloto andarem por entre as quadras, enviesando pelos estacionamentos abertos e caminhando manso pelo piso recém-encerado da entrada dos prédios. Em maio, o colorido dos canteiros à sombra das árvores torna uma luxúria o passeio. É possível os habitantes das cidades-satélites andarem de rua a rua, aspirando a poeira de setembro, que resseca por dentro as gentes. Mas é quase impossível ver os brasileiros fora dos carros, dos ônibus, das vans, dos táxis, do metrô. Ou estão fugindo da chuva torrencial ou do sol inclemente. Cabeça, tronco, rodas...

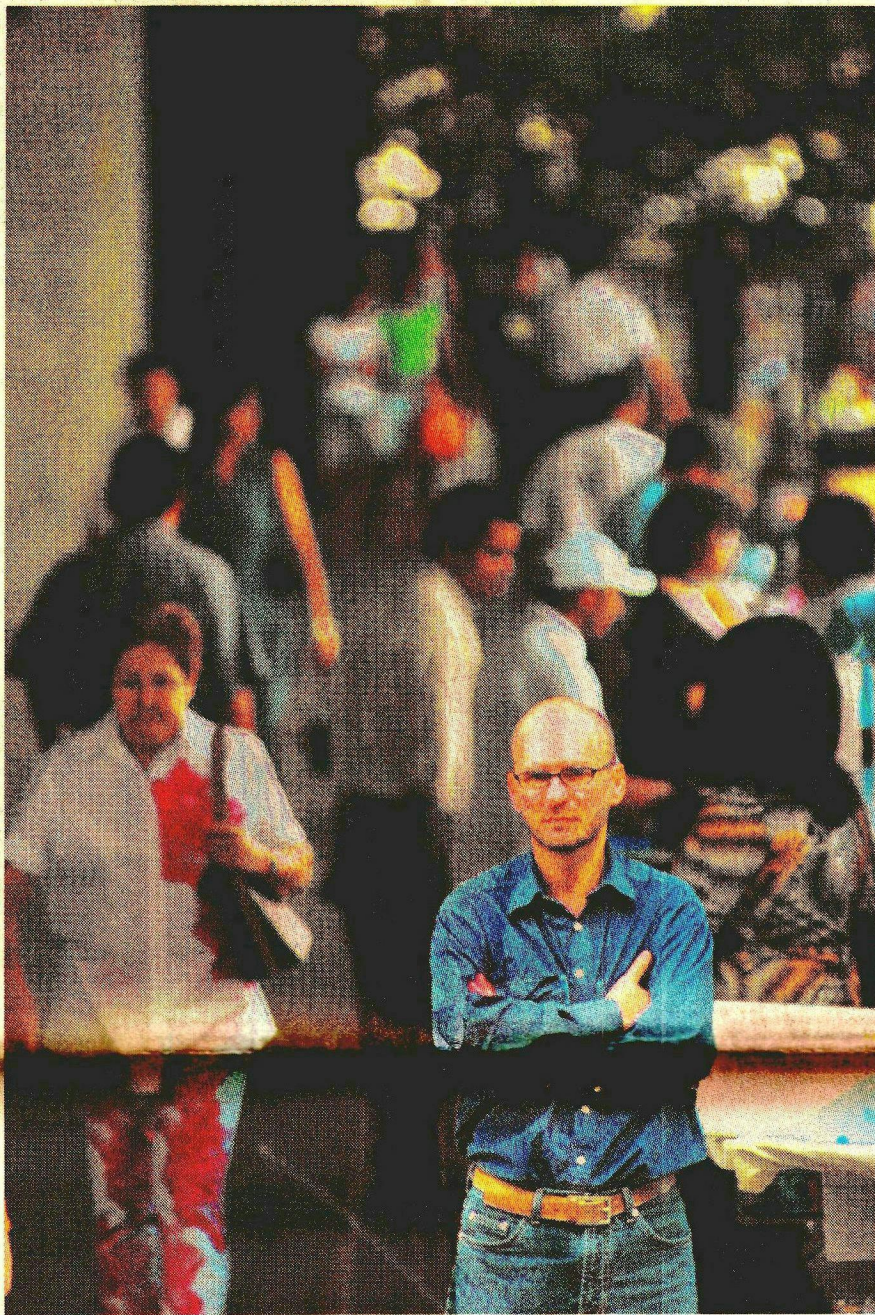
Talvez o “prato” mais característico de Brasília seja mesmo o pastel com caldo-de-cana, encontrado em centenas de barraquinhas espalhadas por toda a cidade, todas filhas, parece, da pioneira Pastelaria Viçosa. Lá, uma loja igual a tantas outras da Rodoviária do Plano Piloto, come o Trio Viçosa (dois pastéis e um copo de caldo de cana) por R\$ 1,80 (hum real e oitenta centavos) o funcionário do Banco Central, a doméstica que aguarda o ônibus para Ceilândia, o vigarista à cata de um otário, o desempregado, a balconista de uma loja do Conjunto Nacional, o camelô que vende bugingangas por ali mesmo.

Brasília tem suas lendas urbanas. Basta evocar o massacre da Pacheco Fernandes Dantas ou as águas engolindo a Vila Mauri para que algum brasileiro (nato ou adotado) se achegue e dê sua versão. O massacre teria ocorrido nos canteiros da construtora Pacheco Fernandes Dantas, em fevereiro de 1959, durante um protesto dos trabalhadores da construção civil contra a péssima comida servida no alojamento. Os mortos – cujo número varia de 300 a nenhum, dependendo do interlocutor – teriam sido enterrados sob a Torre de Televisão ou numa vala comum onde hoje está o prédio do Banco Central. O número mais realista parece ser oito ou nove. Já o caso da Vila Mauri teria sido de teimosia: os moradores desse núcleo original de trabalhadores não quiseram deixar suas casas por não terem para onde ir. Quando as águas se aproximaram, eles não teriam conseguido sequer levar seus pertences pessoais na correria. Homens-rãs ainda hoje encontram no fundo do lago caminhões, máquinas de terraplenagem, casas mobiliadas...

A noite brasileiro passa pelo Beirute, um misto de bar e restaurante na 109 Sul, de mesas que se espalham sob a copa das árvores. À nossa frente desfilam os rapazes e moças descolados, piercings e cabelos coloridos, lata de cerveja numa mão, a outra sempre pronta para uma rápida saudação. Estão ali para ver e serem vistos. Jornalistas, publicitários, atores, artistas plásticos, escritores, professores de cursinhos, papa-festas põem em dia as conversas, entre copos de uísque e baforadas de cigarro. “Onde anda o Cassiano Nunes?”, perguntam ao Cícero, estranhando a ausência do professor e ensaísta, que aparece cada vez menos. “Cadê o Eudoro Augusto?”, perguntam pelo poeta, que tem cadeira cativa, assim como o jornalista e dramaturgo Fernando Marques e o cineasta Vladimir Carvalho. A qualquer momento, o artista plástico Paulo Iolovich, o Paulo Pintor. O vai-vem permanece até as duas e meia da manhã, quando então alguns poucos ainda tentam serpentear por outros lugares abertos (sempre há um).

No alto da Torre de TV, a 75 metros do chão, Brasília se espalha 360 graus. Eis o Eixo Monumental que corta a cidade leste a oeste, da Praça dos Três Poderes à Estação Rododiferroviária. Eis a Asa Sul, a Asa Norte. Lá embaixo, a feira se oferece, promessa de móveis, objetos artesanais, comidas típicas. O céu parece mais alto, aqui, e é como se caminhássemos e nos perdêssemos e caminhássemos e nos perdêssemos. O elevador aguarda, descemos. O ascenso-

Ronaldo de Oliveira/CB



rista pergunta, sinceramente orgulhoso: “Gostaram?”

Dalvair Divina Lessa (77 anos), Éden José de Santana (70 anos), Humberto Cerveira Cavalcante (74 anos), José Wilker Gomes (21 anos) e Samuel Amorim Pereira (10 anos) foram enterrados no Campo da Esperança, cemitério do Plano Piloto, dia desses. Eles se juntaram aos mais de 145 mil nomes sepultados em 90 mil túmulos, espalhados por um largo terreno, idealizado como um espaço democrático *post mortem*, já que lá é proibida a construção de mausoléus. Se não podemos ser iguais sobre a terra, quem sabe sob ela...

Pontes de Brasília: Gaivotas, Costa e Silva, JK, “a mais bela do mundo”, e Bragueto – que, me ensinam, não é ponte. Todas, curiosamente, ligam o Lago Sul ao Plano Piloto. Dizem-me que os moradores do Lago Norte preferem as voltas até o Plano Piloto que receber uma ponte sobre o lago Paranoá. Medo, talvez, de perder a nobreza...

Nos limites da Ceasa, último trecho do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), a Feira do Paraguai (oficialmente, Feira dos Importados). Entre cheiros e cores, volumes e estranhamentos, esbarrões e suores, simpatia e avidez, 12 mil pessoas labirintam-se por entre 2,3 mil estandes e 100 boxes de alimentação. Depois da Praça dos Três Poderes, informamente, é o ponto mais procurado pelos turistas. Os produtos, grande parte contrabandeado do país que nomeia a feira, chegam em ônibus-sacoleiros.

Que tal a feijoada do Bar Calaf? Sambachoro que exalta o happy hour na sexta-feira e acalenta o preguiçoso sábado nas frinchas do Setor Bancário Sul. E a pizza de mussarela (único sabor oferecido) da Dom Bosco? De pé, no balcão (não há mesas, cadeiras), o mate gelando a garganta da Rua da Igrejinha. Ou o bufê do Feitiço Mineiro, onde se alimenta a esquerda, na 306 Norte, ou o cardápio do Piantella, na 202 Sul, onde o prato principal é a política?

E, afinal, nos perguntamos, e Brasília, onde está? Talvez, na paisagem entrevista e logo submersa na multidão. O cheiro de óleo que empestia o ar da Rodoviária. O esgueirante freqüentador de filmes pornô no Conic. As casas simples da Vila Planalto (aos fundos do palácio, a rabada do Rosental). O aconchego dos sofás da livraria do Hargreaves. O terno-e-gravata solitário toma um chope na Galeria dos Estados. A dona-de-casa se debruça melancólica à janela de um apartamento no Cruzeiro Novo. O ponto final da linha Samambaia Sul, banheiros fétidos, olhares curiosos que nos abraçam. A van que recolhe passageiros em frente ao Conjunto Nacional. Os pombos, que nada sabem, da Praça dos Três Poderes. O deputado atende o correligionário, ao telefone, uma xícara de café esfria à sua frente. Os cabelos norte-americanos da adolescente posam sorridentes junto à estátua da Justiça. O garoto pára um instante esmagado pela luz que desaba dos vitrais da Catedral. O segurança sonha quartos imensos na Embaixada da Espanha. O xavante mastiga breve alegria na Feira do Guarã. O rapaz, chapéu enterrado na cabeça, choca as horas no saguão da Rododiferroviária. Três irmãos, em escadinha, apascentam a grama no Parque da Cidade. O vendedor de água mineral do Estádio Mané Garrincha. Os peitos empinados que caminham sem sobressaltos pelo campus da UnB. O Pontão, a Prainha. A mala 007 bisbilhota o painel de partidas no aeroporto. Uma festa de São Cosme e Damião no apartamento do jornalista Rogério Menezes. Os amigos encham de latas de cerveja uma caixa de isopor: vão para a Chapada dos Veadeiros. A empregada de uma mansão no Lago Norte espera impaciente o ônibus lotado para a Ceilândia. As pichações na W3. Zé Novinho, “falo e assino embaixo”, no Armazém do Livro Usado, “falo e assino embaixo”. Piercing no nariz, chora a guitarra no palco redondo abafado do Teatro Garagem. O tímido lobo-guará do Parque da Água Mineral. “Brasília é aparência”, diz a estudante do Núcleo Bandeirante. “É injusta”, fala o contínuo da Invasão da Estrutural. “É linda”, exclama o jardineiro do Setor Sudoeste. “É mesmo”, arremata o vendedor de frutas, limpando o suor da testa: “Vai uma manga aí?”

### (QUEM É)

Há três anos, o mineiro radicado em São Paulo Luiz Ruffato, 43 anos, abandonou o jornalismo para se dedicar integralmente à literatura. É romancista, contista, poeta e ensaísta. Foi com *Eles eram muitos cavalos* (Boitempo, 2001) que chamou a atenção da crítica, tendo conquistado prêmios importantes. Acaba de lançar os romances *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo* (editora Record), os dois primeiros volumes da série *Inferno Provisório*.

Muito prazer, Brasília!